

A literatura francesa no Brasil: as traduções do geógrafo Henri Anatole Coudreau nos afluentes do rio Amazonas durante o século XIX

French literature in Brazil: the translations of geographer Henri Anatole Coudreau in the affluents of Amazon river during the 19th century

Letícia Fiera Rodrigues

Universidade Federal de Santa Catarina

Marie-Hélène Catherine Torres

Universidade Federal de Santa Catarina

Letícia Fiera Rodrigues

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PPGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Marie-Hélène Catherine Torres

Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina e permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). <https://orcid.org/0000-0001-9263-0162>

Recebido em:
14/03/2024

Aceito em:
31/08/2024

AGOSTO/2024
ISSN 2317-9945 (On-line)
ISSN 0103-6858
p. 172 - 188

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade analisar duas editoras: a Companhia Editora Nacional e a Itatiaia e as respectivas coleções Brasileiras e Reconquista do Brasil. Contribuir para uma historiografia das traduções dos relatos de viagens do geógrafo francês Henri Anatole Coudreau. Procuramos identificar duas perspectivas sócio-históricas: os anos 1940 e 1980 e compreender a dimensão política a partir dos projetos editoriais, bem como a construção cultural do Brasil. A pesquisa baseia-se no método documental e bibliográfico. Os resultados demonstraram que os projetos editoriais constituem orientações similares na promoção de políticas públicas para alavancar o mercado editorial e no discurso sobre a necessidade de conhecer os povos e o território amazonense.

PALAVRAS-CHAVE

história da tradução; relato de viagem; política editorial

ABSTRACT

This work has the objective of analyzing two publishing houses: “Companhia Editora Nacional” and “Itatiaia”, as well as two collections from each one: “Brasileiras” and “Reconquista do Brasil” respectively. We aim to con-

tribute to an historiography of travel journals translations of the French geographer Henri Analote Coudreau. We also aim to identify two socio-historical perspectives: the 1940s and the 1980s, as well as to comprehend the political context when considering publishing projects, including Brazil's cultural construction. This research is based on a documental and bibliographical method. The results have shown that publishing projects constitute similar orientations in the promotion of public policies to bolster the publishing market, as well as acting on the discourse about the need to know the people and the Amazonian territory.

KEYWORDS

History of Translation; Travel Journals; Editorial Politics

1. Introdução

É relevante compreender os processos de tradução que se inserem na história social de uma sociedade. A possibilidade de suplantando a tarefa tradutória não apenas como um ato mecânico, isolado, imbuído de uma neutralidade epistêmica, mas ao contrário observar o papel do campo editorial a fim de compreender as relações entre os agentes sociais em sua atividade, no que diz respeito a valores, poderes e, também, para refletir sobre as práticas sociais como lugares de produção simbólica (Bourdieu, 2018). Nesse sentido, Bourdieu (2018) avalia o campo editorial como um espaço relativamente autônomo, capaz de retraduzir a lógica das forças externas, principalmente as econômicas e políticas – no qual as estratégias editoriais firmam seus princípios. Todavia, para ousar ir um pouco mais longe, como consideram Abes e Cubas (2021) traduzir é um ato político que se estabelece na relação com o outro, pois enseja considerar as complexidades e especificidades do contexto com a experiência do estrangeiro na forma relacional com o seu tempo e o tempo presente do sistema cultural.

De acordo com Guerini *et alii* (2008), a literatura traduzida depende do estado de desenvolvimento em que se encontra a literatura nacional, assim como das intencionalidades dos grupos de editores. Como constata Torres (2000), um dos principais fatores que determina a escolha e a seleção dos livros a serem traduzidos é o empenho realizado pelo setor da edição e de outros intermediários do livro. Assim, a sociologia da tradução se inscreve no programa proposto por Pierre Bourdieu (1999) sobre as condições sociais da circulação internacional dos bens culturais. Nesse sentido, a abordagem histórica é importante para compreender os lugares sociais dos impressos traduzidos na vida política nacional e para observar como a tradução pode estar inserida na construção da cultura de um povo.

Consideramos os relatos de viagens dos exploradores durante o século XIX, realizado pelo território amazônico, como um gênero literário cujo *corpus* representa um painel vivo e variado que funciona como fonte tanto para o campo da historiografia, mas também em estudos de geografia, sociologia, antropologia, economia e etc., quanto para os estudos da tra-

dução. Isto quer dizer que os relatos dos viajantes se constituem como um material documental disponível aos mais diferentes fins, conferindo-lhes um caráter heterogêneo, que se imbricam, ora texto de um geógrafo, ora texto de um naturalista, de um etnógrafo, do missionário, enfim de um intérprete que olha, observa, produz um recorte de seu tempo histórico e, por fim, oferece um produto da experiência de viagem. Os relatos dos viajantes estrangeiros são, portanto, a materialização dos registros do interesse por tudo quanto pudesse contribuir para o conhecimento do meio físico e dos produtos naturais do país (Iglesias, 2004). As diferentes possibilidades de pesquisa a partir destas fontes, explicadas também pela heterogeneidade em relação às diferentes linguagens – verbal, iconográfica e cartográfica –, esse tipo de documentação era mobilizado, até a década de 1970, segundo Miriam Lifchitz Moreira Leite (1997) como forma de obter informações diretas sobre dada realidade histórica.

Assim, resgatar os relatos de viagens do explorador francês Henri Anatole Coudreau que foram traduzidos no Brasil no panorama da sociedade civil na interpretação dos intercâmbios econômico, político, linguístico e cultural nos permite compreender a noção de força expansionista e do descobrimento do ambiente natural, ao colocar a exploração da floresta Amazônica como foco narrativo central, mas também como um conjunto temático de estudo sobre território, nação, formação e identidade nacional (Fiera, 2023). Logo, os relatos de viajantes estrangeiros das mais diversas nacionalidades, tais como Auguste de Saint-Hilaire, Jean Charles Marie Expilly, Louis Agassiz e Elizabeth Cabot Cary Agassiz, Johann Baptist von Spix e Karl Friedrich Philipp von Martius, George Gardner, André Thevet e, entre eles, o francês Henri Anatole Coudreau, além de contribuírem para um (re)conhecimento de um país novo e de um novo mercado a ser conquistado, no qual seus conhecimentos científicos estavam a serviço dos interesses dos Estados europeus, seus relatos permitiram que o Brasil também conhecesse seu território, povos e culturas.

As observações de Cardoso (2018, p.6) em relação à história da tradução nos permitem considerá-la como uma

atividade de ordem crítica, atravessada pela complexidade da condição de sujeito do tradutor, delimitada pelos limites e pelas possibilidades de sua condição de prática relacional e discursiva e fundada na condição de singularidade em que se inscreve no tempo e na história.

Nosso objetivo é realizar um levantamento das traduções publicadas dos livros de viagens de Henri Anatole Coudreau (HAC) no Brasil, identificar as casas de edição e situá-las no contexto histórico em que os livros foram publicados.

2. Viajante, explorador e geógrafo francês: Henri Anatole Coudreau

A *Revista Brasileira de Geografia* (RBG), criada em 1939, por iniciativa do Conselho Nacional de Geografia, além de fazer circular e estimular a produção dos novos conhecimentos especializados da geografia mantém uma seção chamada *Vultos da Geografia do Brasil* cuja publicação homenageia figuras – brasileiras e/ou estrangeiras – que se destacaram em trabalhos de pesquisa e interpretação no terreno da geografia no país¹. Camargo (2009) observa que desde sua terceira edição, de julho/setembro de 1939, até a de janeiro-março de 1951, e depois, até o número outubro-dezembro de 1963, “a publicação trazia duas biografias, de uma a duas páginas, de pensadores, políticos e homens de ação que se envolveram em trabalhos “geográficos”, especialmente na questão das fronteiras e das expedições científicas” (Camargo, 2009, pg. 25)². No ano de 1943, a RBG (v.5 n.2) presta uma homenagem ao geógrafo Henri Anatole Coudreau, dedicando duas páginas (páginas 238 e 239) que contém uma breve biografia, descreve as missões realizadas no continente sul americano, especialmente entre a Guiana Francesa e o norte do Brasil, especificamente os estados de Pará e Amapá, e os livros publicados em forma de relatos de viagem. No primeiro parágrafo afere que:

dos exploradores franceses que, realizando investigações geográficas, percorreram a América do Sul ou trechos mais ou menos delimitados do continente, nenhum foi mais completo - do ponto de vista do acervo deixado para estudos e apreciações críticas posteriores - que o antigo aluno da Escola Normal especial de Cluny - HENRI-ANATOLE COUDREAU (RGB, pg. 238-239, 1943).

A biografia descreve Henri Anatole Coudreau com imaginação forte, amante da vida em contato com a Natureza, robusto, tenaz, comparando-o a Champlain e René Caillé. Além disso, informa que no ano de 1895, fora incumbido pelo governador do Pará - Lauro Sodré - de uma missão científica ao rio Tapajoz. Ele publicou a missão, em Paris, em 1897, *Voyage au Tapajoz*, pela editora A. Lahure. Também anuncia que o volume fora traduzido para o português *Viagem ao Tapajós*, em 1941, pelo tradutor A. de Miranda Bastos, com anotação de Raimundo Pereira Brasil, pela Companhia Editora Nacional, volume 208 - Série 5 u, Brasileira, Biblioteca Pedagógica Brasileira, São Paulo/Rio de Janeiro.

Henri Anatole Coudreau (HAC) nasceu em 16 de novembro de 1859, na cidade de Sonnac, França. Professor de História e de Geografia, formado pela Escola Normal Especial de Cluny. Em 1881, com a idade de 21 anos, foi enviado à Guiana Francesa, como professor no Liceu em Caiena, na Guiana Francesa. Em 1883, o Ministério da Marinha e das Colônias da Fran-

1 Camargo (2009) demonstra o esforço de profissionalização da geografia assumido pela Era Vargas (1930-1945) cuja bandeira da “organização nacional” não se faria sem o ordenamento e a sistematização das informações territoriais. As realizações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Conselho Nacional de Geografia (CNG) e a Revista Geografia do Brasil se destacariam, portanto como proeminentes instituições de pesquisa do país. Elas assumem uma centralidade, tanto na estruturação do campo geográfico quanto na sua coordenação em torno do discurso oficial sobre o território.

2 Podemos citar algumas das personalidades que ganharam destaque na seção *Vultos da Geografia do Brasil*, da RGB: Barão do Rio Branco, Elisée Reclus, Homem de Melo, Martim Afonso de Sousa, Von Martius, Louis Agassiz, Cândido Rondon, Joaquim Nabuco, Theodore Roosevelt, Capistrano de Abreu, entre tantos outros (Camargo, 2009).

ça, financiou a primeira viagem de exploração de Henri Coudreau, entre as fronteiras entre a Guiana Francesa e o Brasil. Entre os anos de 1883, 1884 e 1885, viajou pela Amazônia, os imensos territórios, então contestados pelo Brasil e França, entre Oiapoque e Araguari, chegando a Macapá e às fronteiras da Colômbia. Entre 1887 e 1889, realizou duas missões para o Ministério de Instrução Pública francês, na região do Maroni e Oiapoque e chegou ao monte Tumucumaque. Nessa época, recebeu suporte financeiro também da Sociedade de Geografia da França.

É preciso mencionar que estas expedições realizadas por Henri Coudreau na Guiana Francesa também tiveram impactos na formação política e intelectual nesta região ultramarina da França. Na edição da revista *Cadernos de Tradução*, “Traduzindo a Amazônia III” (Guerini, Torres & Fernandes, 2023), no artigo “Coudreau e os Indígenas da Guiana Francesa: Expedições do século XIX” (Alves, Fernandes e Debibakas, 2023) observou que o relato de viagem *Les français en Amazonie* (Os franceses na Amazônia), publicado no ano de 1887, teve trechos adaptados e incluídos nos livros didáticos direcionados às escolas integrando um projeto de educação nacional francês no que se refere às informações sobre a população indígena, flora e fauna da região amazônica.

Posteriormente, HAC firmou no final do século XIX, entre os anos 1895 e 1899, um acordo com o governo paraense com o objetivo de estudar os principais rios e afluentes da região. Ele comandou cinco expedições patrocinadas pelo governo paraense de Lauro Sodré e Paes de Carvalho, com a finalidade de levantar e realizar estudos geográficos, linguísticos, etnográficos, econômicos, sociais e estatísticos do estado (Coelho, Benchimol, Miranda, 2019). Henri Coudreau morre de malária em 09 de novembro de 1899, conforme a biografia da RGB (1943) na altura da cachoeira Porteita, nas proximidades da embocadura do rio Mapuera com o rio Trombetas, no Estado do Pará³. A Figura 1 é uma reprodução fotográfica do explorador francês:

3 Henri Anatole Coudreau esteve acompanhado de sua esposa Marie Octavie Coudreau durante suas expedições no norte do Pará. Na viagem de reconhecimento ao Rio Trombetas, ele morre de malária e é enterrado as margens do rio. Marie Octavie continua a viagem, volta a Belém e faz mais três expedições. Ao final de sua estadia no Brasil, ela retorna às margens do rio Trombetas para recuperar o corpo do marido e transportá-lo para França (Fiera, 2023).

Figura 1 Henri Anatole Coudreau



Fonte: Sur les traces d'Henri Coudreau. Disponível em: <http://www.henricoudreau.fr/>

Entre 1895 e 1899, o geógrafo francês realizou expedições pelo estado do Pará a fim de sistematizar informações a acerca da geografia física e da população paraense. Os registros das expedições foram feitos por meio de mapas, desenhos, fotografias e coleta de objetos significativos para os grupos sociais que manteve contato. Além disso, Henri Coudreau tinha o importante papel de vulgarizar informações por meio de seus livros editados na Europa. Ele explorou o Tapajoz, o Xingú, o Tocantins, o Araguaia, o Itaboca, o Itacaiúna, assim como a zona compreendida entre Iamundá e o Trombetas.

Dutra (2006, pg. 301) em sua pesquisa sobre a série Brasileira, da Companhia Editora Nacional considera que os livros selecionados para a tradução eram estudos sobre a realidade nacional e buscavam reunir um conhecimento sistemático sobre o Brasil. No que concerna o papel da tradução na construção dos saberes nacionais dos relatos de viagens como oportunidade para que intelectuais brasileiros pudessem conhecer o país, temos como exemplo a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de tiragem trimestral, de abril-junho de 1956, “Nos Vales do Xingu do Tapajós”, Comissão diretora de General Estevão Leitão de Carvalho, Claudio Ganns e Feijô Bittencourt, trás uma contribuição sobre a história do desbravamento do Vale do Xingu e Tapajós sob o ponto de vista dos cronistas da Amazônia. Entre os cronistas temos a presença de vários excertos do relato de viagem de Henri Anatole Coudreau, do livro “Viagem ao Tapajós”, traduzido pela Editora Companhia Editora Nacional, em 1941. Segue um trecho que fala sobre o relato de explorador francês em relação ao contato com povos originários do Pará:

Henri Coudreau, explorando o Tapajós por incumbência do govêrno do Pará, antes do fim do século XIX, dizia que por êsse tempo, os Parintintins só desciam até Caí, onde os civilizados os encontraram cêrca de 1892, fazendo-lhes um verdadeiro massacre, porém, anteriormente, vinham muito mais abaixo (Castelo Branco, 1956, pg.25)⁴.

O quadro abaixo demonstra a relação dos livros de relatos de viagem de Henri Anatole Coudreau traduzidos no Brasil.

Quadro 1 Livros traduzidos de Henri Anatole Coudreau

Livro fonte – editora – ano	Livro traduzido	Tradutor	Editora / Lugar	Coleção/Série	Ano
<i>Voyage a Tapajós</i> A. Labure/Éditeur 1897	Viagem a Tapajós	Artur de Miranda Bastos	Companhia Editora Nacional/São Paulo e Rio de Janeiro	Biblioteca Pedagógica Brasileira/Brasília	1941
<i>Voyage a Tapajós</i> A. Labure/Éditeur 1897	Viagem a Tapajós	Eugenio Amado	Itatiaia/Belo Horizonte EDUSP	Reconquista do Brasil	1977
<i>Voyage a Xingu</i> A. Labure/Éditeur 1897	Viagem ao Xingu	Eugenio Amado	Itatiaia/ Belo Horizonte e EDUSP	Reconquista do Brasil	1977
<i>Voyage a Itaboca et Itacayunas</i> A. Labure/Éditeur 1898	Viagem à Itaboca e Itacaiunas	Eugenio Amado	Itatiaia/ Belo Horizonte e EDUSP	Reconquista do Brasil	1980

Fonte: elaboração da autora

Podemos observar que HAC teve 4 livros traduzidos da língua francesa para a portuguesa do Brasil. Destes 4 livros, o livro *Voyage a Tapajós* (Viagem a Tapajós) foi traduzido pela primeira vez em 1941 pela editora Companhia Editora Nacional com tradução de A. de Miranda Bastos, e retraduzido pela editor Itatiaia, no ano de 1977, por Eugenio Amado. A editora Itatiaia traduz mais dois livros Viagem ao Xingu (*Voyage a Xingu*), Viagem a Itaboca e Itacaiunas (*Voyage a Itaboca et Itacayunas*), respectivamente nos anos 1977 e 1980. Todos os livros traduzidos pela editora Itatiaia foram realizados pelo tradutor Eugenio Amado.

3. A Companhia Editora Nacional e a Coleção Brasiliana

A recuperação da política editorial da CEN diante das políticas públicas educacionais e da promoção do livro dirigidas para a unificação cultural do Brasil nos conduzem a entender as condições de produção das traduções dos relatos de viajantes estrangeiros, bem como compreender o ambiente editorial entre os anos 1930-1940. Nesse sentido, é imprescindível conhecer as editoras que os publicaram. A proposta de trabalho neste subitem é pontuar acontecimentos sócios-históricos que consideramos significativos

4 A grafia e a pontuação permanecem exatamente como estão no texto fonte.

para a história da tradução no que se refere às traduções dos relatos de viagens realizados pela Companhia Editora Nacional. Não pretendo apresentar a história linear como uma sucessão de fatos, mas procuro demonstrar que os acontecimentos ensejam uma compreensão do papel do Estado na elaboração de políticas públicas ligadas à cultura e à educação para a expansão da indústria editorial brasileira instaurada durante a Era Vargas (1930-1945).

No primeiro ano de governo, em 1930, o presidente Getúlio Vargas cria o Ministério da Educação e Saúde Pública, buscava-se construir políticas públicas de acesso à educação e à saúde, como direitos universais para a população brasileira. Em 1931, o ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, elabora algumas medidas destinadas à “formação do homem para todos os grandes setores da atividade nacional”, a fim de construir no seu espírito todo um “sistema de hábitos, atitudes e comportamentos.” Assim são elaborados o Estatuto das Universidades Brasileiras, a organização do ensino secundário e do profissionalizante e o Conselho Nacional de Educação, medidas popularmente conhecidas como Reforma Francisco Campos (Menezes, 2001). Neste mesmo período, criou-se a faculdade de Educação nas universidades, com o objetivo de formar professores especialistas, que trabalhariam no ensino secundário. Octalles Marcondes Ferreira (1901-1973) convidou Fernando de Azevedo (1894-1974), que compartilhava com vários intelectuais e homens públicos do seu tempo a crença na ação intelectual, pelo livro para dirigir e organizar a coleção da Biblioteca Popular Brasileira, uma vez que as coleções agregavam um capital cultural muito maior do que a obra individualizada tanto para o editor quanto para o leitor/consumidor, com cuidados especiais para a série Brasileira (Serrano, 2014). O primeiro diretor, entre os anos 1931-1946, da Coleção Brasileira, foi Fernando de Azevedo, Serrano (2014, pg. 5) considera que “emprestou não somente seu prestígio, visão e experiência pedagógica, mas também sua imensa rede de relações intelectuais, científicas e políticas a serviço do sucesso de uma coleção que fortaleceria a editora”. O escopo editorial da coleção Brasileira apontava para que os livros transitassem como mediadores de cultura, saberes e identidade, de maneira a difundir um parâmetro cognitivo para a compreensão do país, com a presença de grandes nomes da intelectualidade e da ciência (Serrano, 2014). Em relação aos livros da coleção Brasileira, Dutra (2006, p. 304-305) avalia que havia “reedições de obras raras, clássicos esgotados, traduções de obras estrangeiras sobre assuntos brasileiros, novos trabalhos sobre o Brasil na forma de ensaios sobre sua formação histórica e social, estudos de vultos da história brasileira e de problemas nacionais”.

Assim, as medidas governamentais e a crise mundial de 1929 geraram, conforme aponta Rodrigues (2017) a necessidade de publicação local de livros, tanto com fins pedagógicos quanto lazer, o que motiva a expansão do mercado editorial. Portanto, a educação torna-se fundamental para o projeto desenvolvimentista da Era Vargas, além de produzir uma mão de obra qualificada para a indústria, também servia de instrução para a formação da identidade brasileira. Logo, a necessidade de produzir materiais de formação cultural, política e ideológica fez com que o mercado de publicação de livros de ensino e literatura, revistas e jornais de interesse educativo, como atesta Lya Wyler (2003) incluíssem também a tradução de obras iné-

ditas e a reedição de obras esgotadas. O Estado surge neste período, portanto como um agente na edição, promoção e na circulação e bens culturais impressos, além de cumprir o papel de importante consumidor.

Em 1937, iniciou-se no Brasil, com a instauração do Estado Novo, uma política pública destinada a fomentar a cultura nacional através da prática de leitura em bibliotecas nas diversas regiões do país. Logo, a criação do Instituto Nacional do Livro (INL)⁵ tinha como objetivo estabelecer as diretrizes básicas para a formação dos brasileiros a partir da leitura. Assim, o ministro da Educação, Gustavo Capanema, contou com a colaboração de intelectuais que passaram a ocupar cargos estratégicos para a modernização do povo brasileiro (Rodrigues, 2012). Eles ficaram conhecidos como a *Constelação Capanema*: Mário de Andrade, chefe da Seção do Dicionário e da Enciclopédia Brasileira; Sérgio Buarque de Holanda, chefe da Seção de Publicações; e, entre os assessores técnicos, encontravam-se Graciliano Ramos e Vinicius de Moraes - intelectuais que seriam os mediadores simbólicos entre o popular e o nacional (Grecco, 2021).

É diante deste cenário que a Companhia Editora Nacional (CEN) surge no país⁶. A editora foi fundada por Octalles Marcondes Ferreira e José Bento Monteiro Lobato em 1925⁷. O primeiro livro editado pela CEN foi a tradução do relato de viagem de Hans Staden sobre sua aventura entre os canibais chamado “Meu cativo entre os selvagens brasileiros”, em 1927 na coleção Brasil Antigo. Ele foi adaptado por Lobato e reeditado em 1932, 1934 e 1944 na coleção Biblioteca Pedagógica Brasileira com o título “Aventuras de Hans Staden” (Rodrigues *et al.*, 2015). Octalles Marcondes concentrou a linha editorial na publicação de livros didáticos e na literatura de ficção, estrangeira e brasileira.

A CEN desenvolveu uma política editorial sistemática para a formação de leitores adultos, investindo nas traduções e na publicação de autores nacionais, tanto clássicos como contemporâneos. Ela publicou coleções literárias importantes, como a de obras completas de poetas brasileiros, dirigida por Afrânio Peixoto, iniciada em 1938, com o volume dedicado a Castro

5 A criação do Instituto Nacional do Livro (INL) no Brasil pode ser entendida a partir de um projeto global de centralização cultural, que passava pela criação de organismos oficiais por parte dos Estados em relação à leitura e ao livro. Na Itália, com a ascensão do governo fascista ao poder (1922), criou-se o *Istituto Nazionale Fascista di Cultura* sob o comando de Benito Mussolini. Este modelo de promoção literária, cujo fomento deveria realizar-se por um Estado autoritário, serviu de referência ao governo do Estado Novo de Getúlio Vargas (Grecco, 2021).

6 As principais editoras que conseguiram superar a crise no final dos anos 1920 e consolidar seus projetos editoriais com a atividade de edição foram: a José Olympio, com sede no Rio de Janeiro; a Companhia Editora Nacional, com sede em São Paulo; e a Editora Globo, de Porto Alegre.

7 Monteiro Lobato se muda para os Estados Unidos em 1927, onde ocupou o cargo de adido comercial brasileiro. Investidor na bolsa novaiorquina quebrou com ela em 1929, e vende suas ações da CEN para Themistocles Marcondes Ferreira, irmão de Octalles. Com a falência da Companhia Gráfica Editora Monteiro Lobato S/A. e a venda de uma casa lotérica que possuía também em sociedade com Lobato, Octalles relançou-se no mercado editorial com a abertura da Companhia Editora Nacional. O acordo de parceria entre Octalles e Lobato foi de que Octalles comandaria a editora a partir de São Paulo, enquanto Lobato cuidaria da filial carioca, pois haviam comprado a editora Civilização Brasileira em 1932. Além disso, Lobato escreveria livros infantis e trabalharia com traduções. A ascensão nos negócios da CEN e a desvalorização cambial possibilitou que Octalles abrisse uma filial em Lisboa, no entanto os editores portugueses criaram medidas para competir com a presença de livros estrangeiros no país, isto fez com que Octalles vendesse a filial portuguesa (Rodrigues *et al.*, 2015).

Alves. Além disso, podemos citar a Biblioteca das Moças, que contou com trinta títulos traduzidos do francês, a Coleção Terramarear, de aventuras que incluía os livros da série Tarzan, de Edgar Burroughs, de 1934, a Coleção Paratodos e a Série Negra, de romances policiais.

A estratégia de diversificar as edições dos gêneros literários possibilitou que a CEN investisse em novos autores, para isso criou o projeto editorial mais amplo ao lançar a Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB), em 1931. Esta coleção subdividia-se em cinco séries distintas: Literatura Infantil, Atualidades Pedagógicas, Livros Didáticos, Iniciação Científica e a Brasileira. No que se refere à prática de tradução durante este período, o Instituto Nacional do Livro, criado em 1937, órgão governamental responsável pela política nacional das bibliotecas e do livro, subsidiaria, conforme Wyler (2003) traduções escolhidas de obras raras e preciosas de interesse nacional, principalmente os relatos de viajantes estrangeiros nos séculos anteriores. Pontes (1989, pg. 393), salienta que os relatos de viagem seriam fonte obrigatória de consulta para quem quisesse interpretar o Brasil, pois documentariam nossa história social e política, além de oferecerem conhecimento sobre flora, fauna, costumes, geografia, geologia e política.

A Coleção Brasileira, um projeto editorial que procurava classificar entre os materiais que haviam sido produzidos sobre o país, àqueles que mereciam ser guardados, constituindo-se, assim, um rico e diversificado “acervo” à disposição dos leitores (Serrano, 2014). Editou, entre os anos de 1931 e 1960, 211 autores e publicou 307 títulos, classificados em 18 gêneros distintos, entre eles: história, biografia e memória, geografia, educação, antropologia e etnologia, sociologia e estudos da comunicação, ensaios de interpretação sobre o Brasil, medicina e saúde, língua brasileira e línguas indígenas, entre outros (Pontes, 1989). A Brasileira editou nos 30 anos de participação no mercado editorial brasileiro um total de 45 livros do gênero relato de viagem e cronistas, conforme demonstra o quadro abaixo:

Quadro 2 Gênero relato de viagem e cronistas traduzidos entre 1930-1960

	1930-40	1941-50	1951-1960	1930-1960
Viajantes e cronistas	24	18	3	45

Fonte: Pontes, Heloísa (1989).

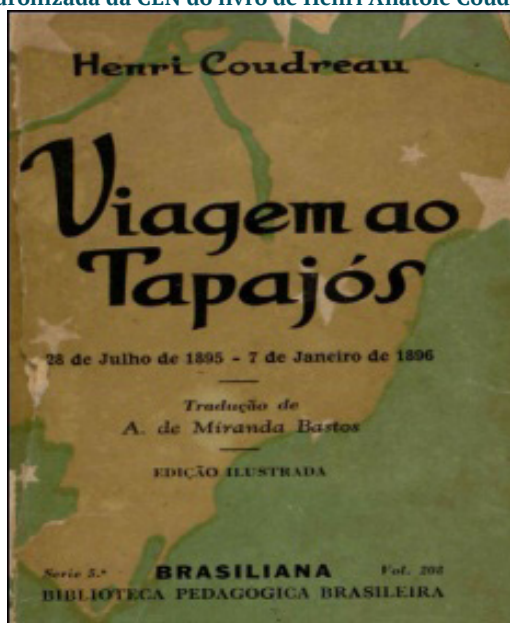
A importância das expedições científicas estrangeiras que percorreram o país e materializadas através dos relatos de viagem, a tradução adquire lugar proeminente para o pensamento social e para o sistema editorial. Nesse contexto, Pontes (1989) considera que os viajantes, por oferecerem um conhecimento seguro sobre a flora, a fauna, os costumes e a geografia física e humana do Brasil no século passado, tornaram-se uma fonte obrigatória de consulta para todos os que se propunham a interpretá-lo.

Entre estas traduções de obras estrangeiras sobre assuntos brasileiros encontra-se a tradução do livro de Henri Anatole Coudreau chamado *Viagem ao Tapajós*, de 1941, com tradução de A. Miranda Bastos, como visto no Quadro 1 no subitem anterior.

Os livros da série Brasileira são editados em formato pequeno (13 de largura por 18,5 cm de altura), possuem uma capa padronizada: um contor-

no do mapa do Brasil, pontilhado de estrelas. Vejamos a capa do livro.

Figura 2 Capa Padronizada da CEN do livro de Henri Anatole Coudreau (1941)



Fonte: Acervo Midiateca (2023)

O título inteiro, grafado em negrito e em letras grandes, aparece na capa centralizado. Também aparece o período da expedição, conforme o livro fonte. A tradução é assumida na capa, pois informa que o livro foi traduzido por A. de Miranda Bastos. No alto da capa, encontra-se o nome do autor, Henri Coudreau, seguido da ilustração padronizada da série Brasileira da coleção da Biblioteca Pedagógica Brasileira. Na contracapa, há um *press release* sobre indicações das futuras publicações, na orelha, que também é padronizada, há uma apresentação da coleção com um discurso nos seguintes termos: “A 5ª série, que figura na B.P.B., com o título de Brasileira, é a mais vasta e completa coleção e sistematização que se tentou, até hoje, de estudos brasileiros”.

4. A editora Itatiaia, de Minas Gerais

Nossa intenção é contribuir para uma historiografia das publicações dos livros traduzidos de HAC pela Editora Itatiaia, de Minas Gerais, na coleção Reconquista do Brasil. Conforme sugere Pinto (2015, pg. 40) “em virtude da forte polaridade exercida pelo eixo Rio-São Paulo, Minas Gerais só veio a ter a sua primeira editora – a Livraria Itatiaia Editora – na década de 1950”.

A editora Itatiaia foi fundada, em 1954, pelos irmãos Pedro Paulo Moreira e Edison Moreira, permanecendo como protagonista no cenário mineiro durante as décadas de 1960, 1970 e 1980. Pedro Paulo Moreira (1926-2008) começou a carreira de livreiro na Livraria Cultura Brasileira

e, posteriormente, na Editora José Olympio. Ao ser demitido desta, resolveu voltar para Minas Gerais e, juntamente com o irmão, decidiram criar sua própria editora em Belo Horizonte (Santos *et ali.*, 2011). Edson Moreira (1919-1991), poeta e autor de diversos livros de contos, poemas e biografias, membro da Academia Mineira de Letras (AML), ocupando o assento de número 8. Escrevia uma coluna literária no jornal Estado de Minas. Publicou o primeiro livro de poesia *Cais da Eternidade*, em 1951, livro vencedor do Prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo. Em 1962, reuniu os poemas publicados em *Cais da Eternidade, O jogral e a rosa* e *Poemas Existenciais* no volume *Tempo de Poesia*. No decorrer dos anos, Pedro Paulo comprou outras editoras, como a Brigueit-Garnier, e, em 1991 cria uma sociedade empresária limitada a **Villa Rica Editoras Reunidas Ltda**, sob o nome fantasia de Garnier - Itatiaia Editora⁸.

Assim, a coleção Reconquista do Brasil, da editora Itatiaia, surge da aquisição do acervo da Biblioteca Histórica Brasileira, produzida a partir de 1940 pela Livraria Martins Editora, que se encontrava na década de 1970 em processo de liquidação e, também do acervo da série Brasileira, editadas entre os anos 1930 e 1950, pela Companhia Editora Nacional (Rodrigues, 2012). Composta por 311 volumes, divididos em três séries. A primeira série apresenta 60 títulos, 80% traduções de relatos de viajantes naturalistas estrangeiros pelo Brasil no século XIX⁹. A segunda tem 238 volumes, a maioria traduções, até o volume 100, com abertura para autores nacionais. A terceira série é dedicada a livros de arte e tem apenas 13 volumes. Investida de uma publicação heterogênea, conta em seu catálogo com publicações das áreas das Ciências Sociais e das Ciências Naturais, com as coleções Burity, especificadamente de literatura brasileira, Biblioteca de Estudos Brasileiros e Biblioteca de Estudos Sociais e Pedagógicos.

É importante resgatar em termos sócio-político e econômico a situação mineira a partir dos anos 1970. Ela pode ser caracterizada pela junção de alguns elementos importantes, como por exemplo, uma infra-estrutura disponível em malha ferroviária, recursos minerais (ferro e minerais), proximidade com o eixo Rio-São Paulo e uma posição geográfica favorável de ligação entre os estados do sul, sudeste e nordeste. É a partir dos anos 1970 que o estado de Minas Gerais apresenta uma estrutura econômica que a coloca como parte do capitalismo brasileiro. Portanto, o crescimento eco-

8 Cabe realizar um breve relato sobre a editora Guarnier no Brasil. Baptiste Louis Garnier (1823-1893), filho de uma família tradicional de livreiros de Paris, veio para o Brasil para contribuir com o mercado de livros. Ele foi editor de Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães, entre outros. François-Hyppolyte Guarnier herda a editora logo após a morte de Baptiste Louis Garnier, em 1893. Em 1934, a editora Guarnier é vendida para Ferdinand Brigueit. Na década de 1950, é comprada pela Difel e, mais tarde, em 1973, a editora Itatiaia compra a Brigueit-Garnier. Em 2018, os irmãos Teles, importante família de Minas Gerais, proprietários da Rede Leitura, adquiriu a Editora Itatiaia.

9 A primeira série dessa coleção apresenta alguns dos viajantes estrangeiros: o naturalista escocês George Gardner; do médico, botânico e geólogo austriaco Johann Emanuel Pohl; do militar português Luís D'Alincourt; do padre, geógrafo e historiador português Aires De Casal; do geógrafo e antropólogo inglês Richard Burton, do naturalista francês Jean Baptiste Debret; príncipe Adalberto da Prússia; do médico, geógrafo, geólogo, estadunidense Hamilton Rice e os naturalistas, antropólogos ingleses Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates.

nômico em Minas Gerais favorece uma mentalidade orientada para a busca de lucros nas cadeias produtivas da cultura. Neste cenário, destaca-se a ampliação das classes médias, assim como o aumento dos índices de alfabetização no favorecimento do consumo de bens de consumo numa série de serviços ligados ao lazer e a cultura (Ridenti, 2014).

A partir de 1973, a Editora Itatiaia em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP - coedita a Coleção Reconquista do Brasil. O consórcio entre a EDUSP e a Itatiaia, segundo o professor na Escola de Comunicação e Arte (ECA/USP), presidente e ex-editor da EDUSP, Plínio Martins Filho (2001), tratava-se de um claro favorecimento à editora particular em detrimento da editora universitária pública, pois o objetivo era incumbir às editoras públicas a acompanhar a aceitação dos livros pelo mercado, dessa forma garantiria a abertura de novos caminhos para os empreendimentos privados. Segundo Pinto (2015) o acordo de coedição subentendia um financiamento público dissimulado, pois a Edusp, após opinar na escolha da obra, comprava e pagava antecipadamente 30% da tiragem, financiando toda a edição. Enfim, a EDUSP atuava mais como financiadora editorial que propriamente com a função de editora pública. Todavia a parceria entre as editoras Itatiaia e EDUSP garantiu a difusão e comercialização de livros considerados fundamentais para o avanço científico do país. O principal critério de seleção das obras a serem coeditados era de que os livros estivessem esgotados, assim as coleções podem ser vistas como o álbum de família da nacionalidade brasileira e metáfora da nação, pois estabelecem a constituição de um importante acervo a ser preservado em defesa das ações do esquecimento (Dutra, 2020).

A Editora Itatiaia publicou três livros do explorador francês Henri Coureau: “Viagem ao Tapajós”, “Viagem ao Xingu” e “Viagem a Itaboca e a Itacaiúna”, a trilogia foi traduzida por Eugenio Amado¹⁰.

10 Eugenio Amado foi tradutor de La Fontaine, contos dos irmãos Grimm, Balzac, obras de Lewis Carrol, textos de Darwin, obteve o Prêmio Jabuti em 1979 e 1982 na categoria de Tradução de Obra Científica, além de ter escrito obras de literatura infanto juvenil.

Quadro 3 Capas da Editora Itatiaia

		
<p>1977</p> <p>Itatiaia/ Belo Horizonte e</p> <p>EDUSP</p>	<p>1977</p> <p>Itatiaia/ Belo Horizonte e</p> <p>EDUSP</p>	<p>1980</p> <p>Itatiaia/ Belo Horizonte e</p> <p>EDUSP</p>

Fonte: elaboração própria

Os livros da coleção Reconquista do Brasil apresentam dimensões 18 cm x 27 cm, capas impressas em policromia e assinadas pelo artista plástico Cláudio Martins. O papel, com 85 g/m² de gramatura, foi fabricado especialmente para a coleção. Os livros contêm orelhas, com uma apreciação da obra, normalmente feita pelo editor.

O editor Mário Guimarães Ferri (1918-1985) professor do departamento de Botânica da USP, membro da comissão editorial da EDUSP e, posteriormente, presidente da Editora, por duas décadas. Para Ferri (1979-1980, pg. 82), os relatos de viagens “trazem uma contribuição inestimável ao conhecimento de nossa flora, em seus vários aspectos. Tais publicações são ainda hoje de grande valor e por isso vêm sendo constantemente editadas no Brasil, porque o interesse que elas despertam é imorredouro”.

Ainda para sublinhar a importância da tradução na cultura de chegada em relação às questões territoriais mapeadas pelos viajantes exploradores do século XIX e, especialmente os relatos de viagem de Henri Coudreau, o Jornal Ver-o-Fato publicou uma notícia, em maio de 2020, sobre a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em relação à disputa territorial entre entes federativos. O STF avaliou a demarcação da divisa entre os estados de Mato Grosso e Pará, com o apoio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que definiu os limites entre os dois estados baseado em traçado feito no final do século 19 pelo explorador francês Henri Coudreau (1859-1899). Cabe lembrar que Henri Coudreau fora contratado pelo governo paraense, como vimos nos capítulos precedentes, para delimitar as divisas interestaduais do estado do Pará. O livro de apoio foi a retradução *Viagem a Tapajós*, de Henri Coudreau, editora Itatiaia, cuja descrição compõe as condições de navegabilidade do rio, a topografia, a vegetação, as rochas. Além de prever as possibilidades de ocupação e exploração das terras ribeirinhas; apresentar às populações com as quais manteve contato, especialmente as tribos selvagens; comparar entre si os dialetos indígenas, seus modos de vida, seu folclore, seus rituais. Segundo a notícia (2020) a decisão a favor do estado de Pará correspondente a uma área de 2,4 milhões

de hectares, riquíssima em minérios e biodiversidade.

Considerações Finais

A partir do estudo das editoras Companhia Nacional Editora e Editora Itatiaia e das respectivas coleções *Brasilianas* e *Reconquista do Brasil*, é possível perceber como considera Cardoso (2018) o espaço da espessura intelectual, subjetiva e crítica do agente responsável pelas traduções de Henri Anatole Coudreau. A inscrição singular do tempo histórico assumida pelas editoras orienta as tomadas de decisões editoriais de acordo com as políticas públicas educacionais na publicação das traduções dos relatos de viajante francês Henri Anatole Coudreau. Nos anos 1940, a Companhia Nacional Editora promove uma política de publicação de relatos de viagem, durante a Era Vargas, porque havia uma necessidade, não apenas governamental, mas também de uma elite cultural, de conhecer o imenso território e seus povos a fim de promover a construção da identidade nacional. Já nos anos 1970-1980, a prática de promoção do livro, durante o período da ditadura cívico-empresarial, expressa no deslocamento do eixo Rio-São Paulo, para a editora Itatiaia de Minas Gerais, permite considerar que as elites intelectuais exerceram um importante poder simbólico para a promoção de uma parceria pública privada, no caso específico entre a EDUSP, editora pública e a empresa privada, a Itatiaia.

Logo, a dinâmica editorial e as transformações culturais e educacionais que aconteceram durante o tempo histórico de atuação de cada uma das editoras se inscrevem como consideram Abes e Cubas (2021) na força da tradução como um ato político. Assim, os livros traduzidos de Henri Anatole Coudreau atestam para a importância dos relatos dos viajantes estrangeiros sobre a Amazônia como um espaço geográfico estratégico para os desafios da formação da identidade nacional, assim como para a promoção de políticas públicas que aprofunde o conhecimento sobre a dimensão territorial amazonense.

Enfim, as traduções e retraduações dos livros dos viajantes estrangeiros tomam um importante espaço nas culturas de chegadas que podem incidir sobre questões de fronteiras geográficas ainda vigentes no século XXI, pois as disputas territoriais ativas fazem parte dos interesses econômicos da sociedade capitalista.

Referências

Abes, Gilles Jean & Cubas, Caroline Jaques. “Por uma ética da resistência: a História na História da Tradução.” Brasília: *Revista Belas Infiéis*, v. 10, n. 4, p. 01-18, 2021.

Alves, Mariana Janaína dos Santos; Fernandes, José Guilherme; & Debi-bakas, Audrey. “Coudreau e os indígenas da Guiana Francesa: expedições do século XIX (1887), de Henri Anatole Coudreau”. Florianópolis: *Cader-*

nos de Tradução, v. 43, nº esp. 2, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2023.e96112>

Bourdieu, Pierre. “Uma revolução conservadora na edição”. Trad. Luciana Salazar Salgado e José de Souza Muniz Jr. Florianópolis: *Política e sociedade*, vol. 17, n. 39, 2018.

Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.

Camargo, Alexandre de Paiva Rio. “A Revista Brasileira de Geografia e a organização do campo geográfico no Brasil (1939-1980)”. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 2, n. 1, p. 23-39, jan | jun 2009. Disponível em <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/361> Acesso em: 10 jun. 2023.

Cardozo, Mauricio Mendonza. “História da tradução: histórias do quê? história para quê?” In: PEREIRA, Germana Henriques; & VERÍSSIMO, Thiago (Orgs.). *Historiografia da tradução: tempo e espaço social*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

Coudreau, Henri. *Viagem ao Tapajós*. Tradução A. de Miranda. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. Acervo Midiateca, Espírito Santo. Disponível em: <https://midiateca.es.gov.br/site/acervo/viagem-ao-tapajos-28-de-julho-de-1895-7-de-janeiro-de-1896/>. Acesso em: 21 out. 2023.

Coudreau, Henri. *Viagem ao Xingú*. Tradução: Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

Coudreau, Henri. *Viagem ao Tapajós*. Tradução: Eugênio Amado. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

Dutra, Elaine Freitas. “Projetos editoriais e exposições do livro no espaço latino-americano: intelectuais e trocas culturais: 1930-1940”. IN: *Actas. UNLP-FAHCE.*, 2012 Disponível em: https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1928/ev.1928.pdf. Acesso em 1 jun. 2023. Acesso em 15 jun. 2023.

Iglesias, Francisco. “Viajantes e naturalistas”. In.: BORIS, Fausto (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Monárquico – reações e transações*. Tomo II. O Brasil Monárquico vol. 3. Reações e Transações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Fiera, Letícia. “Traduzir para conhecer: Marie Octavie Coudreau – viajante e exploradora francesa dos afluentes do Rio Amazonas durante o século XIX”. *Revista Qorpus*, vol. 13, n. 1, 2023. Disponível em: <https://qorpuspget.pagnas.ufsc.br/files/2023/04/Qorpus-v13-n1-Let%C3%ADcia-Fiera.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Fonseca, Ana Margarida. *Em português nos entendemos? Lusofonia, literatura mundo e as derivas da escrita*. Configurações, 2013.

Grecco, Gabriela de Lima. “Escrever a tradição, modernizar a nação: literatura e identidade nacional durante o Estado Novo de Vargas (1937-1945)”. *Revista Brasileira de História*, v.41, n. 88, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/6h3pwVRpYwzcf9MD5M8s5HC/#> Acesso em: 9 jul. 2023.

Guerini, Andreia; Torres, Marie Hélène & Costa, Walter (Orgs.) *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

Guerini, Andréia; Torres, Marie Hélène Catherine & Fernandes, José Guilherme. “Traduzindo a Amazônia II”. Florianópolis: *Cadernos de Tradução*, v. 43, nº esp. 2, 2023.

Martins Filho, Plínio & Rollemberg, Marcello. *Edusp: um projeto editorial*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

Mendes, Carlos. STF dá vitória unânime ao Pará na disputa por terras contra o Mato Grosso. 29/05/2020. *Jornal Ver-o-Fato*. Disponível em: <https://ver-o-fato.com.br/exclusivo-stf-da-vitoria-unanime-ao-para-na-disputa-por-terras-contramato-grosso/>. Acesso em: 28 out. 2023.

Menezes, Ebenezer Takuno de. “Verbete Reforma Francisco Campos”. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil*. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/reforma-francisco-campos/>>. Acesso em 11 jul. 2023.

Pontes, Heloísa. “Retratos do Brasil: editores, editoras e “Coleções Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50”. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1989. p. 359-409. v. 1. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-26/401-retratos-do-brasil-um-estudo-dos-editores-das-editoras-e-das-colecoes-brasilianas-nas-decadas-de-1930-40-e-50/file>. Acesso em 5 jun. 2023.

Ridenti, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

Revista Brasileira de Geografia. *Vultos da Geografia do Brasil* ✕ Henri Anatole Coudreau ✕ Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ✕ Abril/Junho de 1943. Disponível em: <https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/issue/view/30>. Acesso em: 17 set. 2023.

Rodrigues, Cristina Carneiro. “Brasiliana e Reconquista do Brasil: projetos editoriais de traduções”. *Revista de Letras*, v. 85, p. 219-230, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122317>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Rodrigues, Jaime. Miranda, Marcia Eckert. Toledo, Maria Rita de Almeida. “O acervo da Companhia Editora Nacional: negociação, organização e potencial para a pesquisa histórica”. *Revista Fontes*, v.2 n.3, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/fontes/article/view/9379>. Acesso em: 22 jun. 2023.

Santos, Aline. *et al.* “Editora Itatiaia: a velha guarda da edição nacional”. In: Matarelli, Juliane, QUEIROZ, Sônia. *Editoras mineiras: panorama histórico*. V.1. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

Serrano, Gisella. “Memória e História na coleção Reconquista do Brasil: Minas no Brasil”. *Revista Outros Tempos: Pesquisa Em Foco História*, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18817/ot.v11i18.425>. Acesso em: 10 jul. 2023.

Souza Filho, Durval de. *Os retratos dos Coudreau: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “Bom Selvagem” 1884-1899*. (Dissertação de mestrado), Belém, 2008. <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4258>

Torres, Marie, Héléne, Catherine. “Balanço e perspectivas da literatura francesa traduzida no Brasil de 1970 a 2006”. *Revista Cerrados*, n.16, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/1231>. Acesso em: 14 jul. 2023.

Wyler, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.